



**BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**LARA DE OLIVEIRA ARAUJO**

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): ASSISTÊNCIA DE  
ENFERMAGEM AOS PAIS NO ENFRENTAMENTO DO DIAGNÓSTICO**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA  
2024**

**LARA DE OLIVEIRA ARAUJO**

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): ASSISTÊNCIA DE  
ENFERMAGEM AOS PAIS NO ENFRENTAMENTO DO DIAGNÓSTICO**

Artigo científico apresentado à Faculdade da  
Região Sisaleira como Trabalho de Conclusão  
de Curso para obtenção do título de Bacharel  
em Enfermagem.

Orientador: Prof. Esp. Ilke Itamar Oliveira  
Rodrigues

**CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA  
2024**

Ficha Catalográfica elaborada por:  
Carmen Lúcia Santiago de Queiroz – Bibliotecária  
CRB: 5/001222

A15 Araújo, Lara de Oliveira

Transtorno do espectro autista (TEA): assistência de enfermagem aos pais no enfrentamento do diagnóstico /Lara de Oliveira Araújo. – Conceição do Coité: FARESI,2024. 16f.il..

Orientador: Prof. Esp. Ilke Itamar Oliveira Rodrigues.  
Artigo científico (bacharel) em Enfermagem. – Faculdade da Região Sisaleira (FARESI). Conceição do Coité, 2024.

1 Enfermagem. 2 Autismo.3 Família. 4 Diagnóstico.  
I Faculdade da Região Sisaleira – FARESI.II Rodrigues, Ilke Itamar Oliveira.III Título.

CDD: 616.85882

**LARA DE OLIVEIRA ARAUJO**

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): ASSITÊNCIA DE  
ENFERMAGEM AOS PAIS NO ENFRENTAMENTO DO DIAGNÓSTICO**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem, pela Faculdade da Região Sisaleira.

**Aprovado em 27 de junho de 2024**

**Banca Examinadora:**

**Ilke Itamar Oliveira Rodrigues / [ilke.rodrigues@faresi.edu.br](mailto:ilke.rodrigues@faresi.edu.br)  
Ernanda Cordeiro Teixeira / [ernanda.cordeiro@faresi.edu.br](mailto:ernanda.cordeiro@faresi.edu.br)  
Jayanne Moreira Carneiro Ramos / [jayane.moreira@faresi.edu.br](mailto:jayane.moreira@faresi.edu.br)  
Rafael Reis Bacelar Antón / [rafael.anton@faresi.edu.br](mailto:rafael.anton@faresi.edu.br)**



**Rafael Reis Bacelar Antón  
Presidente da banca examinadora  
Coordenação de TCC – FARESI**

**Conceição do Coité – BA  
2024**

# **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AOS PAIS NO ENFRENTAMENTO DO DIAGNÓSTICO**

Lara de Oliveira Araujo

Prof. Esp. Ilke Itamar Oliveira Rodrigues<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Este artigo, busca trazer informações sobre o Transtorno Espectro Autismo (TEA) e o enfrentamento dos pais com relação a esse diagnóstico, compreendendo o papel do enfermeiro neste contexto de orientação e auxílio aos pais e cuidadores de autistas. O trabalho é uma revisão da literatura, qualitativo, cujo, as principais bases pesquisadas fora Scielo e Pubmed. Ficou notório que o diagnóstico de TEA causa muito sofrimento e medo aos pais, e que o enfermeiro tem um papel de extrema importância em relação a orientação, suporte e apoio aos pais, mostrando para eles a necessidade da aceitação e procura de rede de suporte para o início de tratamento do paciente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autismo. Família. Diagnóstico.

## **ABSTRACT**

This article seeks to provide information about Autism Spectrum Disorder (ASD) and parents' coping with this diagnosis, understanding the role of nurses in this context of guidance and assistance to parents and caregivers of autistic people. The work is a qualitative literature review, the main bases of which were researched outside Scielo and Pubmed. It became clear that the diagnosis of ASD causes a lot of suffering and fear to parents, and that the nurse has an extremely important role in relation to guidance, support and support for parents, showing them the need for acceptance and search for a support network to help them. the beginning of the patient's treatment.

**KEYWORDS:** Autism. Family. Diagnosis.

## 1. INTRODUÇÃO

É visível a importância do papel da enfermagem para os pais no auxílio do enfrentamento do diagnóstico do Transtorno Espectro Autista (TEA). Isto porque o primeiro contato dos pais com o diagnóstico causa dor e sofrimento, medos e incertezas, e o enfermeiro irá contribuir auxiliando os pais a compreenderem esse momento, ofertando uma escuta, explicando sobre o TEA, amenizando os medos dos pais no primeiro contato com o diagnóstico.

Pereira *et al* (2020), afirma que o TEA é definido como um distúrbio do neurodesenvolvimento que é caracterizado por alterações e por sua vez prejuízos na comunicação e interação social, tendo padrões restritos e repetitivos de comportamento que variam de acordo com o seu grau de intensidade.

Fernandes *et al.* (2020), corroboram apontando que os critérios que auxiliam no diagnóstico do TEA, tiveram várias mudanças no decorrer dos anos e foram assim descritos nos manuais de categorização nosológica. O mais conhecido é o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde (CID) isto a partir da década de 1980. Porém é fundamental trazer que o diagnóstico precoce auxilia de forma positiva no desenvolvimento da criança, proporcionando a ela qualidade de vida nos âmbitos mais prejudicados pelo TEA.

É importante salientar com base nas visões de Magalhães *et al.* (2021), após receber o diagnóstico de TEA, os familiares ficam angustiados necessitando assim de apoio emocional e suporte para lidar com esse primeiro contato com o diagnóstico, além de necessitar compreender quais serão os próximos passos, e com relação a isto os profissionais de enfermagem podem auxiliar, levando essas famílias a compreensão do que precisam fazer e incentivando os responsáveis a buscarem auxílio profissional psicológico para lidarem com essas angustias. Essa angustia na maioria das vezes é por conta do preconceito sofrido pelo autista, que gera sofrimentos para seus responsáveis.

Com relação aos profissionais de enfermagem, Jerônimo *et al.* (2023), aponta que os que são capacitados podem auxiliar a família de portadores de TEA no acolhimento, além de auxiliar também os pacientes com intervenções e até mesmo nos encaminhamentos quando necessário, o que pode prever que os enfermeiros devem escutar os pais, falar sobre os sinais e sintomas e direcionar

eles para outros profissionais que poderão ajudar no processo de cuidado da criança.

Assim, nasce a relevância desta pesquisa de mostrar ao leitor que o trabalho do enfermeiro é amplo e que o mesmo pode auxiliar as famílias e responsáveis pelos portadores de TEA a enfrentar o diagnóstico, tendo a visão de que é um diagnóstico difícil que gera angústia e medo.

A escolha do tema para esse trabalho se concretizou a partir da experiência familiar, quando foi observada a dificuldade dos pais do portador de TEA no enfrentamento do diagnóstico e o quão importante é ter uma equipe de saúde capacitada para dar o suporte necessário para essas famílias.

Com base nas informações acima este trabalho busca responder a seguinte pergunta: Compreendendo a angústia frente a um diagnóstico para as famílias, como o enfermeiro pode auxiliar essas famílias ao receberem um diagnóstico de Autismo?

O trabalho tem como objetivo geral: discutir a assistência de Enfermagem frente as crianças com TEA. Possuindo dois objetivos específicos: compreender o papel do enfermeiro frente ao Transtorno Espectro Autista (TEA); analisar a importância do papel do enfermeiro no enfrentamento do diagnóstico aos pais e responsáveis.

## **2. METODOLOGIA**

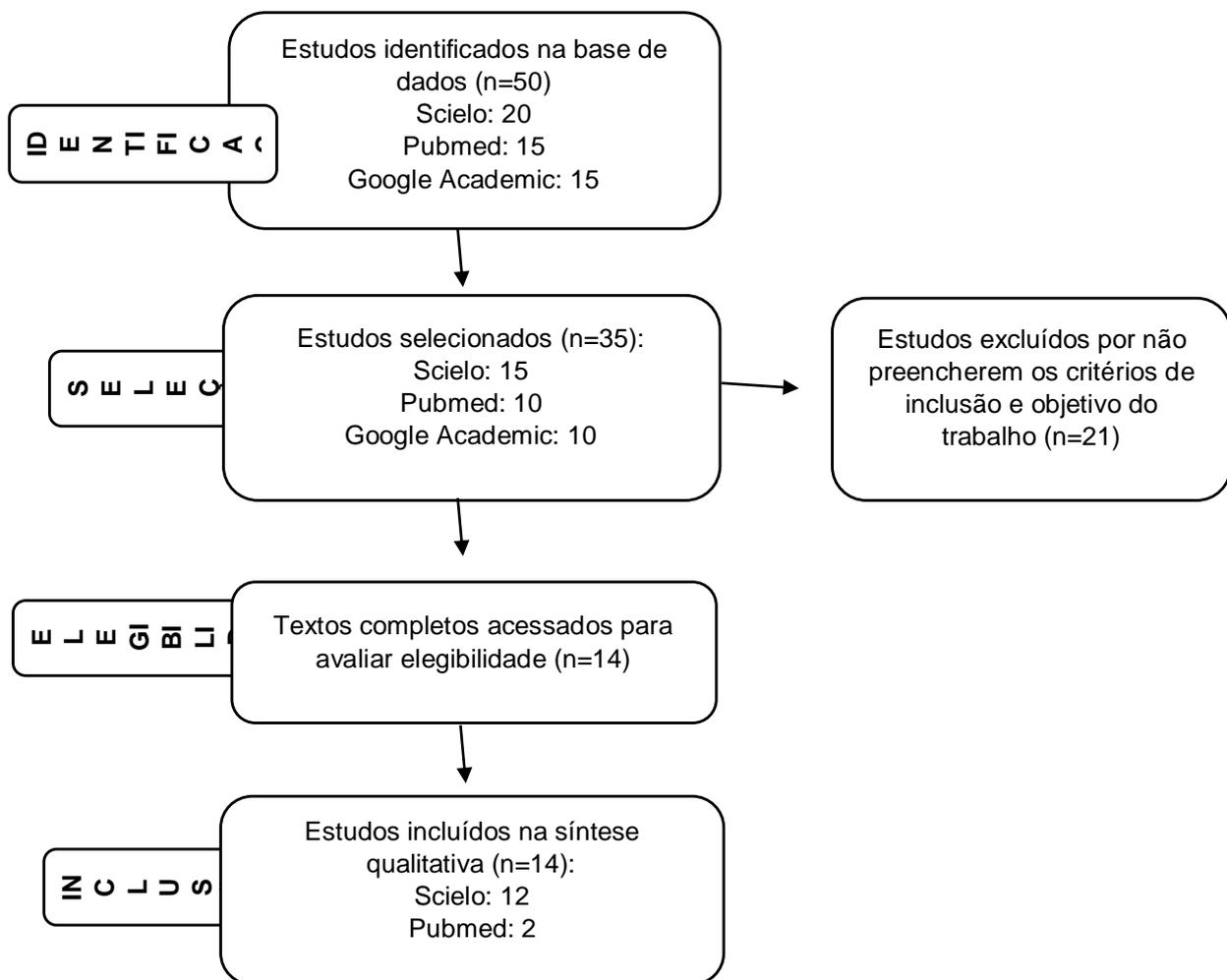
Este trabalho, trata-se de uma revisão integrativa, a qual, de acordo com Souza, *et al.* (2010), é um método de estudo que fornece uma síntese do conhecimento e por sua vez, a incorporação da aplicação de resultados de estudos importantes na prática. A pesquisa é também, qualitativa, de caráter exploratório, buscando trazer informações sobre a assistência de enfermagem aos pais no enfrentamento do diagnóstico do Transtorno Espectro Autista (TEA).

Para a realização deste estudo, foram utilizados os seguintes bancos de dados, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Academic; Pubmed. Os descritores utilizados foram: Transtorno Espectro Autista; Enfermagem; Diagnóstico.

A primeira seleção foi retirar a duplicidade nas bases de dados, cujo foi preciso ler os artigos na íntegra para assim compreender as informações duplicadas, de modo

que restaram 35 artigos. Após a leitura dos resumos foram excluídos 21 que não abordavam assim todo o tema. Com isto, restaram 14 artigos que foram lidos na íntegra e assim incluídos no estudo os mais relevantes e publicados em até cinco anos, artigos do ano de 2019 até 2024. Com exceção de um artigo que o ano é 2010, pois foi solicitado pelo orientador. E outro de 2018, pois traziam informações relevantes, sendo exceção ao critério temporal de exclusão. A dificuldade maior foi encontrar artigos que falassem sobre o papel do enfermeiro com relação ao autismo.

**Figura:** Fluxograma do processo de seleção dos estudos para realização do trabalho.



Com relação aos resultados e discussões, foram utilizados 14 artigos, cujo os mesmos trazem informações relevantes sobre o Transtorno Espectro Autista (TEA) e as suas definições gerais, e o tópico seguinte sobre: Enfrentamento dos pais frente aos filhos com diagnóstico de TEA. No total foram utilizados 12 da plataforma Scientific Electronic Library Online (SciELO) e 2 artigos do Pubmed.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 3.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): DEFINIÇÕES GERAIS

Para Salgado *et al.* (2022), o Transtorno do espectro autismo (TEA), é caracterizado como um distúrbio do neurodesenvolvimento, cujo, a criança ou adulto que tem possui dificuldade na comunicação, interação social e comportamento restritivo ou repetitivo. Com relação a gravidade e a apresentação são variáveis, sendo permanente, cujo o diagnóstico precoce é fundamental para que o paciente com TEA possua qualidade de vida, principalmente com relação ao seu desenvolvimento. Normalmente, os sintomas são identificados entre os 12 e 24 meses de idade, porém, o diagnóstico só ocorre aos 4 e 5 anos de idade.

Alguns são os sinais comportamentais vinculados ao TEA, que podem ser compreendidos e identificados em avaliações estruturadas, como, por exemplo, dificuldade em fazer contato visual; comprometimento no âmbito social e de interação, comportamentos sensoriais incomuns ritualísticos e motores repetitivos ou atípicos, fixação em objetos, muitas vezes comunicação não verbal (vai depender do grau) e comportamentos consideráveis difíceis como: irritabilidade, intolerância a intrusões (Salgado, *et al.*2022)

Os autores supracitados acima afirmam que atualmente é possível observar um aumento considerado significativo de autismo, isto pode ter ocorrido porque no Brasil alguns foram os fatores que possibilitaram o diagnóstico e o tratamento mais adequado para os pacientes que possuem TEA, sendo estes: a Reforma Psiquiátrica, a transição epidemiológica e os avanços dos critérios de diagnóstico para TEA, além do aumento da capacitação das equipes multiprofissionais.

Maia *et al.* (2018), contribuem relatando que é possível apontar que o TEA vai afetar o processo da informação no cérebro. Sendo descrito como um problema sério de saúde pública com um impacto considerável na economia, na família e no social. Ocorrendo pela interação entre vários genes e fatores ambientais. Alguns estudos feitos com gêmeos monozigóticos apontam uma taxa de concordância incompleta o que vai reforçar assim a contribuição de fatores ambientais na etiologia do autismo. Já estudos moleculares destacam a epigenética no desenvolvimento do cérebro como sendo um causador desse transtorno.

Já com relação dos papéis dos fatores ambientais que determinam o TEA, vai consistir com a heterogeneidade clínica, que é uma característica marcante deste transtorno e que sugere uma explicação para o aumento da quantidade de casos na atualidade. Isto levando em consideração que o autismo passou de 4 a 5 casos por 10 mil crianças em 1960 a 40 a 60 crianças para cada 10 mil em 2009. Já em um estudo com crianças norte-americanas feito em 2014, ocorreu uma prevalência de 1 para cada 59 indivíduos tinham TEA (Maia, *et al.*2018).

Fernandes et al (2020), apontam que com relação ao diagnóstico do autismo, várias foram as mudanças durante os anos feita pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde (CID). Atualmente o DSM-5 e o CID-11, tem como central o diagnóstico a linguagem pragmática da comunicação e a linguagem estruturada. Domínios de interação social, comunicação e padrão repetitivo de comportamentos foram mantidos nos dois manuais de diagnósticos. Tendo por sua vez os subdomínios de interação social e comunicação reduzidos e o padrão repetitivo e restritivo de comportamento mais consolidado principalmente pelo DSM-5. Aspectos incomuns ligado ao sensorial, também são observados. Falta de criatividade e fantasias nos processos de pensamento, ausência de brincadeiras e faz de conta e inflexibilidade comportamental são observados como critérios de diagnóstico (Fernandes, et al,2020).

Fernandes et al. (2020), afirmam ainda que outro fator é a retirada da síndrome de Asperger de diagnóstico e colocado dentro do autismo, ou seja, existem na atualidade categorias que descrevem esse transtorno, como Nível I, Nível II e Nível III. No primeiro existe ausência de apoio, prejuízo social notável, dificuldade de iniciar interações e tentativa comprometida de contato social, dificuldade de organizar, planejar e inflexibilidade de comportamentos. No segundo nível, apresentam prejuízos sociais aparentes, dificuldade de iniciar e manter interações, inflexibilidade cognitiva e comportamental, dificuldade de lidar com mudanças. No Nível III, ausência da fala, déficits graves de habilidades social e comunicação, inflexibilidade comportamental e cognitiva e extrema dificuldade de mudança.

Com relação ao tratamento é fundamental apontar que quanto antes o diagnóstico melhor a adaptação e desenvolvimento de quem tem TEA, o que auxilia na qualidade de vida desse sujeito. O tratamento é feito de acordo com o grau de severidade dos sintomas, realizado por diferentes abordagens e tipos de terapias ao

mesmo tempo, como, por exemplo, terapias comportamentais cujo a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), é a mais indicada atualmente, terapias para desenvolver habilidades sociais, fisioterapias, além de ações medicamentosas quando necessário (Maia, et al.2019).

### 3.2 ENFRENTAMENTO DOS PAIS FRENTE AOS FILHOS COM DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA):

Com relação ao diagnóstico de TEA, Martins *et al.* (2022), apontam que muitas vezes é um diagnóstico difícil de ser dado precoce, pois é uma doença multifatorial, trazendo dúvidas para os gestores e cuidadores da criança e até mesmo a não aceitação o que irá comprometer o desenvolvimento dessa criança por não ter os cuidados necessários logo cedo.

Outro contexto é pensar que a família de autistas encaram desafios que necessitam ajustar seus planos em relação ao futuro, por conta das limitações e condições de necessidades de adaptação, gerando um enorme impacto familiar, por isto é fundamental que a equipe que for dar esse diagnostico traga a importância dos pais terem suportes e buscarem ajuda emocional em terapias, isto porque esse apoio psicológico familiar, vai fazer com que eles consigam compreender sobre as necessidades dos filhos e diminuam assim a angustia e o luto que o diagnóstico traz (Martins. *et al*, 2022).

No enfrentamento dos pais e cuidadores de crianças autistas Silva *et al.* (2021), complementam que é fundamental a criação e o desenvolvimento de estratégias de intervenções, ou seja, atualmente existem uma rede de suporte de profissionais que auxiliam no desenvolvimento melhorando assim as limitações e fragilidades dessas crianças, os profissionais deverão esclarecer e ofertar a esses pais esse suporte, para que assim eles consigam perceber que existe apoio para que eles consigam lidar com esse diagnóstico.

Isto mostra através do relato dos autores acima que a rede de suporte ofertada aos pais é o que irá auxiliar esses cuidadores com relação ao enfrentamento do diagnostico, isto ocorre porque se os pais se sentem aparados a angustia relacionada ao diagnostico consegue ser amenizada e a partir disto inicia o processo de aceitação e enfrentamento, ou seja, compreender que não estão sozinhos e que é possível o desenvolvimento da criança. Por isto a necessidade de oferta deste suporte no início.

### 3.3 ENFERMAGEM E O CUIDAR AOS PAIS DE CRIANÇA COM TRANSTORDO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA):

Várias foram as mudanças que ocorreram no processo histórico da enfermagem, de acordo com Oguisso *et al.* (2019), apontam que o primeiro Código Internacional de Ética de Enfermagem teve aprovação em 1953, pelo Conselho de Representantes Nacionais (CRN), do Conselho Internacional de Enfermeiras (CIE), cujo os mesmos se reúnem a cada dois anos. Este Código surge em um momento que necessitava da mudança nos padrões destes profissionais, isto por conta das atrocidades e experiências terríveis que prisioneiros foram submetidos na Segunda Guerra Mundial.

Neste contexto de Guerra, os prisioneiros que eram levados aos campos de concentrações passavam por vários experimentos sem que fossem explicados a eles sobre as práticas e sem que os mesmos autorizassem tais experimentos. Isto ocorreu na cidade de Nuremberg, por conta disto o Código teve o nome da cidade. Contendo dez princípios que abordavam sobre as condições para a realização de experimentos em seres humanos, tendo como base a necessidade do sujeito aceitar os experimentos (Oguisso, *et al.*2019).

Em 1993, o Conselho Internacional de organizações de Ciências Médicas (CIOMS) junto à Organização Mundial de Saúde (OMS), aprovaram as Diretrizes Internacionais para Pesquisas Biomédicas que envolviam seres humanos, atualizando essas diretrizes em 1996 (Oguisso, *et al.*2019).

Benedet *et al.* (2020), vão complementar trazendo que no decorrer da história da enfermagem ela se apropriou dos conhecimentos relacionados ao cuidado e a partir daí conseguiu se afirmar como uma profissão científica. Quando Florence Nightingale institucionaliza a enfermagem como profissão, ele percebe a importância de pautar as práticas do enfermeiro em princípios científicos. Mesmo que na metade do século XIX o conceito de Processo de Enfermagem ainda não existisse, Florence já mostrava a necessidade de os profissionais de enfermagem, observasse e assim julgasse os cuidados que prestavam para as pessoas.

Além disto, Benedet *et al.* (2020), trazem que a partir daí em 1950 o Processo de Enfermagem começa a se expressar como sendo um instrumento que vai representar a evolução da enfermagem como profissão no campo da saúde, isto porque essa profissão vai ultrapassar o cumprimento de tarefas e assim desenvolver

um corpo de conhecimento próprio e por sua vez centralizado nas relações humanas e nas circunstâncias que os indivíduos se manifestam no seu processo de saúde/doença.

Benedet *et al.* (2020), acreditam que a construção de conhecimentos obtidos pela enfermagem, é o que determina a autonomia e várias conquistas que os profissionais de enfermagem já conseguiram ao longo dos anos. O que mostra que o processo de Enfermagem é um caminho de autonomia para a profissão, isto porque representa a metodologia de assistência que é reconhecida pelos profissionais da área e assim permite uma aproximação maior aos usuários, tanto no momento da sua elaboração, quanto também no momento do cuidado, que é a maior competência do enfermeiro.

Souza *et al.* (2018), complementam que para que ocorra um bom trabalho é fundamental que a equipe de enfermagem faça um planejamento quanti-qualitativo, para assim garantir ao paciente e sua família uma assistência segura. Outro fator é a observação que a gestão precisa fazer com relação a carga horaria de trabalho dos enfermeiros, isto porque os mesmos precisam estar bem para conseguir assim cuidar do outro, com uma carga de trabalho exaustivo eles não irão contribuir de forma positiva para com os pacientes.

Além desta visão, Souza *et al* (2018), apontam que é fundamental a capacitação dos enfermeiros sobre o seu papel, principalmente no cuidar do outro, essa capacitação auxilia ainda na possibilidade do enfermeiro em contextualizar o seu cotidiano de trabalho em saúde diante das inovações científicas e das mudanças ocorridas durante o tempo sobre a sua prática.

#### 3.4 PAPEL DO ENFERMEIRO FRENTE AO TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Ferreira *et al* (2023), afirmam que é fundamental o papel do enfermeiro na identificação precoce dos sinais e sintomas do TEA, principalmente os profissionais que atuam na Atenção primária à Saúde, é de suma importância que eles possuam conhecimento necessário para detectar estes sinais e assim prestar uma assistência adequada aos pacientes e familiares de autistas.

Isto ocorre porque segundo Ferreira *et al.* (2023), a enfermagem é uma área que tem como símbolo o olhar cuidadoso e desprovido de preconceitos, tendo como

predominância uma escuta qualificada e prestação de assistência individualizada. Isto faz a necessidade deste profissional ter um olhar além do que é visível aos olhos, como no que ocorre na necessidade de assistência a pessoa autista, deixando claro que o enfermeiro precisa ter obstinação para ofertar uma assistência qualificada voltada para a promoção e reabilitação desses pacientes. É fundamental que os enfermeiros auxiliem os pais no enfrentamento do diagnóstico, esclarecendo e ofertando para os pais as redes de suportes necessárias para eles conseguirem assim auxiliar seus filhos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em suma, é indiscutível que a enfermagem na atualidade atua de várias formas relacionadas ao cuidar, o que mostra que dentro do contexto do Autismo, não é diferente, os enfermeiros precisam estar qualificados e assim auxiliarem os pais e cuidadores desde o primeiro momento do diagnóstico, buscando amenizar os medos e incertezas que fazem parte deste contexto, até o tratamento caso o mesmo continue tendo contato com essa família, dando suporte orientando a rede de apoio necessária para que esses cuidadores consigam assim enfrentar este momento difícil.

Com relação as dificuldades encontradas na elaboração desta pesquisa a principal, foi a falta de artigo sobre o tema, ou seja, encontrar relatos sobre como o enfermeiro deve atuar nesse contexto foi extremamente difícil, o que leva a este artigo ser um trabalho que futuramente poderá ser publicado.

Porém, mesmo em meio as dificuldades encontradas os objetivos e pergunta norteadora conseguiram assim serem respondidos e atingidos, mas, por ser um tema bastante interessante é possível futuramente, tentar aprofundar esta pesquisa buscando até mesmo transformá-la em um outro momento em um estudo de caso e assim enriquecendo mais o olhar sobre a atuação do enfermeiro dentro do contexto e do enfrentamento dos pais no autismo.

## REFERÊNCIAS

**BENEDET; Silvana Alves; PADILHA; Maria Itayra; PERES; Maria Angélica de Almeida; BELLAGUARDA; Maria Ligia dos Reis;** Características essenciais de uma profissão: análise histórica com foco no processo de enfermagem; **Rev. esc. enferm. USP** 54 • 2020 • <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018047303561>.

FERNANDES; Conceição Santos; TOMAZELLI; ; Jeane; GIRIANELLI; Vania Reis; Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas; **Psicol. USP** 31, 2020.

FERREIRA; José Helessandro do Amaral; AMORIN; Dylana Suely de Castro; ALVES; Marcos Aurélio Favacho; OLIVEIRA; Adriano Portugal de; SOUZA; Raysa Pereira de; TORRES; Sheila Santos; FARIAS; Elidelson Macedo; SENA; Marlene Pinheiro; TEIXEIRA; Gisele Viana; SANTOS; Edson Cássio Vasconcelos; NASCIMENTO; Jéssica de Sousa; FONSECA; Viviane Chaves; PAULUCIO; Matheus Amorim; SILVA; Deivison Machado; ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO FRENTE AO CUIDADO DO PACIENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA. **Saúde Coletiva**, Volume 27 - Edição 120/MAR 2023.

JERÔNIMO; Tatiane Garcia Zuchi; MAZZAIA; Maria Cristina; VIANA; Joseval Martins; CHISTOFOLINI; Denise Maria; Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista, Institutions Rankings Scimago, **Acta Paul Enferm** 36 • 2023..

MAGALHÃES; Juliana Macêdo; RODRIGUES; Thalia Alves; NETA; Marly Marques Rêgo; Vivências de familiares de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista; Institutions Rankings Scimago; **Rev. Gaúcha Enferm.** 42 • 2021.

MAIA, F. A. ALMEIDA, M. T. C. ALVES, M. R. BANDEIRA, L. V. S. SILVA, V. B. NUNES, N. F. CARDOSO, L. C. G. SILVEIRA, M. F. Transtorno do espectro do autismo e idade dos genitores: estudo de caso-controle no Brasil, **Cad. Saúde Pública** 34 (8) 20 Ago 2018.

MAIA, C. S. MENEZES, K. M. C. M. CHAGAS, F. C. TENORIO, A. M. QUEIROZ, JOSÉ R. A. MACIEL, G. E. S. Transtorno do espectro autista e a suplementação por ácido fólico antes e durante a gestação, **J. bras. psiquiatr.** 68 (4) • Oct-Dec 2019.

MARTINS; Maria Virginia Barros da Silva; SANTOS; Jhennifer Kelly Moraes dos; LIMA; Josemir de Almeida Lima. O impacto do diagnóstico do transtorno do espectro autista na vida familiar; **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, e229111638233, 2022.

OGUISSO; Taka; TAKASHI; Magali Hiromi; FREITAS; Genival Fernandes de; BONINI; Bárbara Barrionuevo; SILVA; Thaís Araújo da; Primeiro Código Internacional de Ética de Enfermagem; Texto & Contexto Enfermagem 2019, v. 28: e20180140 ISSN 1980-265X DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0140>.

PEREIRA; Erika Tamyres; MONTENEGRO; Ana Cristina de Albuquerque; ROSAL; Angélica Galindo Carneiro; WALTER; Cátia Crivelenti de Figueiredo; Comunicação alternativa e aumentativa no transtorno do espectro do autismo: impactos na comunicação, *Institutions Rankings Scimago*, **CoDAS** 32 (06) • 2020.

SALGADO, N. M. PANTOJA, J. C. VIANA, R. P. F. V. PEREIRA, R. G. V. P. Transtorno do Espectro Autista em Crianças: Uma Revisão Sistemática sobre o Aumento da Incidência e Diagnóstico, *Research, Society and Development*, v. 11, n. 13, 2022.

SILVA; Ana Carolina Galhardo da; FLHO; Carlos de Sousa; ANDRADE; Cristiano de Jesus; RIBEIRO; Bruno Chapadeiro; Famílias frente a crianças com diagnóstico de autismo: um olhar para a atuação de profissionais da psicologia; **Brazilian Journal of Development**; Curitiba, v.7, n.7, p. 69579-69592 jul. 2021.

**SOUZA; Marcela Tavares de; SILVA; Michelle Dias da; CARVALHO; Raquel de;** Revisão integrativa: o que é e como fazer; **Einstein** (São Paulo) 8 (1); Jan-Mar 2010.

SOUZA; Priscilla; CUCOLO; Danielle Fabiana; PERROCA; Marcia Galan; Carga de trabalho de enfermagem: influência das intervenções de cuidados indiretos; **Rev Esc Enferm USP**; São Paulo; 2018.